

Anônimos Notáveis:

uma experiência com a Diversidade Cultural no espaço comunitário

Andressa Iza Gonçalves¹

Felipe de Oliveira²

Maria Clara Martins Rocha³

RESUMO

O presente trabalho é resultado do projeto Anônimos Notáveis que se propôs a mapear e difundir práticas e expressões culturais periféricas de Belo Horizonte, valorizando histórias e memórias de sujeitos anônimos, antigos e contemporâneos. Teve como base local a regional do Barreiro, reconhecida por sua efervescência cultural, para registrar e analisar práticas comunitárias que promovem a diversidade cultural como vetor de criatividade, diálogo e construção de uma cultura de paz. Com uma metodologia baseada em memória coletiva, mobilização comunitária e mapeamento local. O projeto buscou identificar resistências e potencialidades comunitárias. Ao fomentar a inclusão e o uso criativo dos recursos culturais, visou consolidar a diversidade como elemento central para a identidade e o desenvolvimento social da cidade.

*

1 Bacharel em Turismo pela PUC Campinas e Especialista em Tecnologia Social da Memória pelo Museu da Pessoa. Co-autora dos livros *Memórias Iluminadas* e *Reinado de Bené*. Atualmente é conselheira da cadeira de Museus, Espaços de Memória e Acervos do Conselho Estadual de Política Cultural de Minas Gerais. E-mail: aiza@viraminas.org.br

2 Doutorando em Artes e Mestre em Artes pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Especialista em Gestão Cultural pelo Centro Universitário UNA e graduado em Cinema e Audiovisual também pelo Centro Universitário UNA. Iniciou sua carreira musical em 2015, após uma trajetória no cinema. Possui três álbuns lançados, tendo conquistado o Prêmio da Música Popular Mineira (2022) e circulado com seus shows por diversas cidades, feiras e festivais. E-mail: avozdofelipe@gmail.com. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4455416153078942>

3 Doutoranda em Culturas Visuais na *Goldsmiths University of London*, Mestra em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), pós-graduada em Artes Plásticas e contemporaneidade pela Escola Guignard da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), graduada em Licenciatura em Artes Visuais na Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Criadora do projeto *The Family Moment*, premiado pelo *Santander Enterprise UK* em 2020. Trabalha na área de curadoria e consultoria de arte e educação desde 2013, no Brasil e no Reino Unido. E-mail: mariaclara.mrocha@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8580586227641969>.

O projeto **Anônimos Notáveis** nasceu do desejo de mapear e difundir práticas e expressões culturais e artísticas que acontecem para além dos circuitos tradicionais de Belo Horizonte. Partindo da consciência histórica da cidade, que desde seu planejamento e construção, carrega em si diversas vozes que vão das forças econômicas dentro do Estado à época, passando pelo desejo de ser a representação da modernidade e do progresso republicano até chegar a apagada e quase nada difundida história daqueles que aqui habitavam antes da construção da nova capital.

Esses sujeitos, que foram relegados ao anonimato pela história oficial da cidade, habitam algumas memórias, mas nunca ganharam plataformas oficiais de grande destaque no consciente coletivo da cidade, sendo quase uma leitura mítica ou quase caricatural de alguns "personagens", como a Maria Papuda, entre outros. Junto deles, há também os novos anônimos que habitam a cidade, mas não são representados nas mídias tradicionais, nos livros de história, nas memórias das instituições que contam o que é a Belo Horizonte "da real", de grupos vulneráveis e periféricos.

Esse projeto procura trazer uma leitura contemporânea das diferentes histórias no tecido social e um diálogo com essas memórias que precisam ser contadas e repensadas a partir da lente das diferentes vozes que hoje aqui habitam e daqui a algumas décadas podem não existir em nenhum lugar e se perderem. O Barreiro é uma das regionais com mais efervescência cultural na cidade e foi escolhido como o ponto inicial para que esse mapeamento fosse criado. Afastado dessa história tradicional contada a partir da perspectiva modernista e republicana, essa regional acrescenta a esse projeto uma gama de expressões culturais que carregam um valor muito estimado na construção de uma cultura de paz e investimento na qualidade de vida a partir de experiências comunitárias.

Para isso, uma metodologia foi desenvolvida focada em cultura e mobilização comunitária, memória coletiva e individual, transversalidade e mapeamento local. A fim de identificar práticas e sujeitos de resistência e construção de novas perspectivas, anseios e características da comunidade local e do entorno. Pesquisando os usos criativos dos recursos comunitários e quais espaços, quais práticas, quais potenciais, quais

anseios, quais necessidades compõem esse mapeamento da situação dos atores sociais locais.

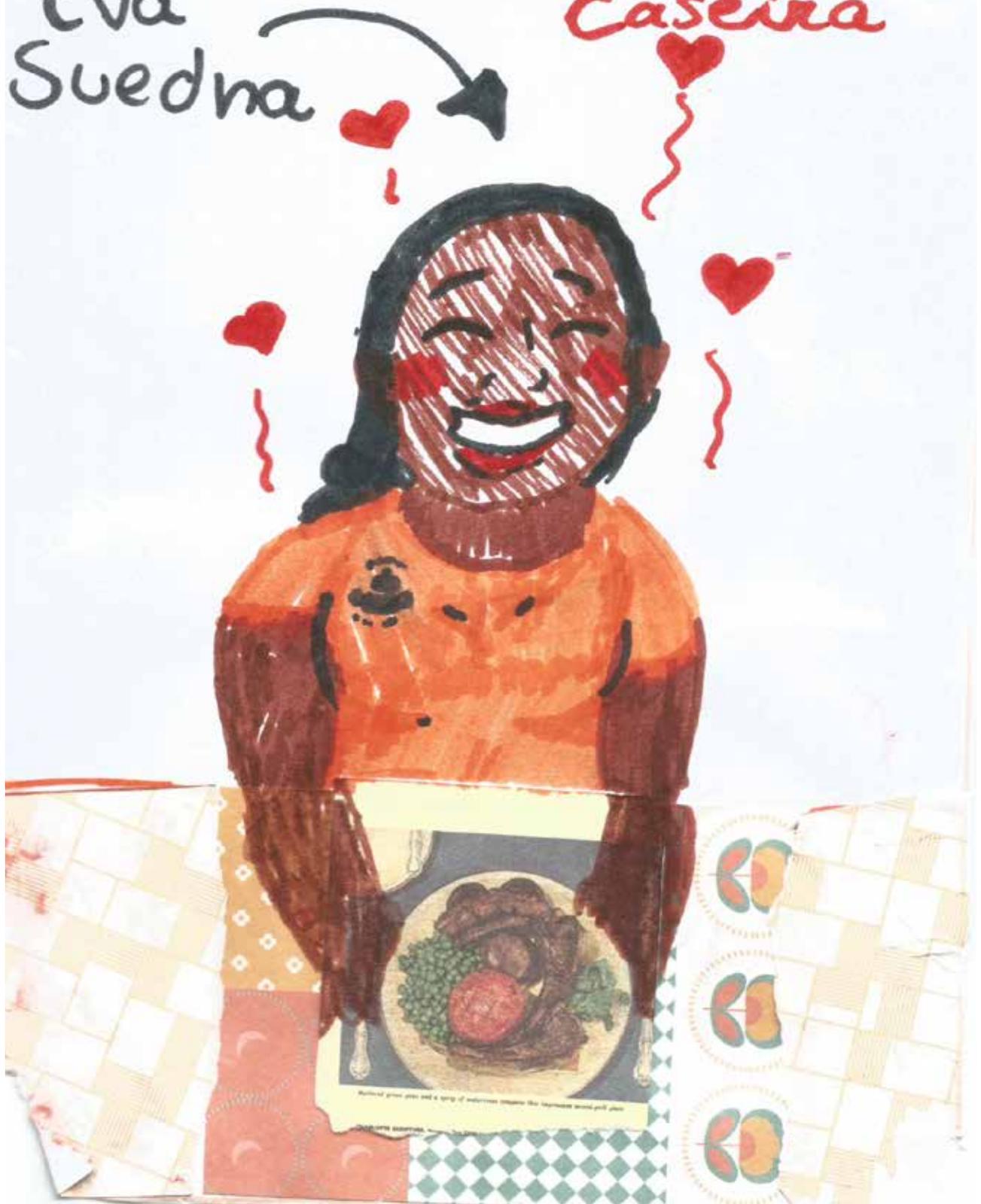
A cultura está no centro dos debates contemporâneos sobre a identidade, a paz social e o desenvolvimento de uma economia baseada no saber, pois a Diversidade Cultural é uma fonte de dinamismo social e econômico que pode enriquecer a vida humana, suscitando a criatividade e fomentando a inovação. Mas, para que a diversidade das culturas seja respeitada e promovida como bem comum, é preciso que haja tolerância, diálogo e cooperação entre as diferentes comunidades e povos, num clima de confiança e de compreensão mútua que garantam a construção de uma cultura de paz e de segurança.

Por esse motivo, a Diversidade Cultural está presente nessa experiência de interação comunitária e na construção desse mapeamento onde cada sujeito se localiza dentro desse contexto cultural da sua comunidade. Enfim, como todos podem reconhecer-se no espaço onde moram e, principalmente, como podem intervir positivamente naquele ambiente. Para que as ações culturais deixem de ser avulsas, sem interlocução umas com as outras e passem a um aspecto importante de planejar para usar de forma criativa todos os aspectos e recursos da comunidade, onde todos possam sentir-se úteis, representados, vistos e ativos.

Since 2009 Restaurante

Comida
Caseira

Eva
Suedna



Trabalho produzido durante o projeto Anônimos Notáveis
Centro Cultural Lindeia Regina
Belo Horizonte, Junho, 2024

Redescobrimos histórias invisíveis e a memória viva do Barreiro

No projeto **Anônimos Notáveis**, organizado pelo Observatório da Diversidade Cultural (ODC), trabalhamos para dar visibilidade a histórias e práticas culturais muitas vezes ocultas nos bairros da Regional do Barreiro, em Belo Horizonte. Realizado nos centros culturais Lindéia Regina e Urucuia e nas Escolas Municipais Poeint e Professor Mello Cançado, buscamos mapear, registrar e difundir as expressões culturais e memórias que habitam os territórios fora dos circuitos midiáticos tradicionais. Com nossa equipe formada por Andressa Iza Gonçalves, pesquisadora de memória oral, Felipe de Oliveira, músico e cineasta, e Clara Rocha, arte-educadora e curadora, convidamos a comunidade a redescobrir e valorizar suas próprias histórias.

A Vivência

Nós, os facilitadores, nas reuniões iniciais percebemos que nossas formações poderiam ajudar na elaboração de uma metodologia de registro e compartilhamentos de memórias que não fosse uma aula ou palestra, que fosse uma troca de histórias e assim, irmos caminhando e explorando territórios e olhares diversos sobre o Barreiro. Como estrangeiros destes bairros, chegamos de mansinho, entrando nas atividades que os moradores já faziam, mais atentos em escutar do que falar, facilitando e mediando as atividades práticas para explorar novas formas de olhar o bairro e as pessoas anônimas que contribuíram para o seu desenvolvimento.

Partindo da premissa que todo mundo tem história e que toda história tem valor, focamos nas memórias individuais e coletivas, na vida cotidiana e ordinária, queríamos as histórias de pessoas que não estão nos livros, queríamos que cada pessoa se sentisse sujeito atuante na sua comunidade. Utilizamos a Tecnologia Social da Memória como suporte para nossas ações.

A Tecnologia Social da Memória é uma metodologia desenvolvida pelo Museu da Pessoa, voltada para a criação e preservação de registros de memória oral e coletiva, especialmente em comunidades. Ela utiliza ferramentas que incentivam a escuta ativa e o compartilhamento de

histórias pessoais, promovendo o resgate de memórias que refletem a diversidade cultural e social do grupo.

O processo envolve etapas como entrevistas, rodas de histórias, oficinas e a construção de narrativas colaborativas, onde cada participante é ao mesmo tempo narrador e ouvinte. As histórias são gravadas, organizadas e, muitas vezes, digitalizadas para se tornarem acessíveis a um público mais amplo, criando uma base de dados viva e acessível para consulta futura.

Além de preservar histórias, essa tecnologia tem um papel educativo e de fortalecimento identitário. Ela permite que as pessoas, ao ouvirem e contarem suas experiências, sintam-se valorizadas, conectando passado e presente, e criando uma rede de memória que apoia o sentimento de pertencimento e a mobilização social. O Museu da Pessoa aplica essa metodologia como uma ferramenta de transformação social, reconhecendo que cada história contribui para a construção da memória coletiva.

O fio da memória das memórias das bordadeiras do Centro Cultural Urucuia

Com as bordadeiras do **Centro Cultural de Urucuia** sentimos a necessidade de participar das atividades que elas já faziam, o bordado foi o fio condutor para nossas trocas. Entre panos e linhas elas iam desfiando a suas memórias enquanto nos ensinavam o ponto atrás, a correntinha e nó francês. Partindo da nossa pergunta geradora: Quando foi o primeiro contato que tiveram as agulhas e linhas? Íamos bordando e colhendo histórias de vida e superação, muitas casaram jovens e tiveram vidas difíceis e viam naquele grupo um suporte para compartilhar trabalhos manuais e mais que isto, conselhos e vivências.

Nos próximos encontros com as bordadeiras pedimos para que trouxessem fotos ou bordados antigos que contassem um pouco das histórias de sua vida ou que relembraassem momentos vividos no Centro Cultural. Levamos o mapa do Barreiro impresso em algodão cru. A atividade consistia em situar no mapa o local em que moravam e irem contando um pouco dos locais no bairro que fizeram parte das suas histórias de vida. A bica onde lavavam roupa, as árvores e plantas medicinais que

curavam, as pessoas importantes no bairro, como a benzedeira Maria Generosa, que hoje é até nome de rua, foram histórias que nos contaram. A questão é que bordar é um processo lento, exige tempo e dedicação, os encontros acabaram antes que o bordado do mapa ficasse pronto. O mapa ficou com as bordadeiras e, quando estiver pronto, será pendurado na sala das oficinas.

Construindo memórias coletivas: um olhar sobre a Diversidade Cultural no Centro Cultural Lindéia Regina

No **Centro Cultural Lindéia Regina**, desde as primeiras visitas, podemos ver o poder transformador da participação popular em sua criação, aquele centro havia sido conquistado pela população pelo orçamento participativo de Belo Horizonte. Ficava localizado na rua Aristolino Basílio de Oliveira, uma via tranquila e arborizada, situada entre uma UPA e uma loja de pipas, quase em frente à casa da dona Glorinha, conhecida por fazer presépios e bonecos de papel machê.

Neste espaço, trabalhamos com um grupo de teatro e outro de artes visuais. Através de dinâmicas interativas, os participantes exploraram o poder da memória e da imaginação para a construção de uma “ficção social” – um exercício de visualizar o futuro que desejam ver realizado.

O primeiro passo foi conhecer as histórias por trás de cada nome. Os jovens compartilharam as origens e os significados de seus nomes, revelando as influências culturais e familiares que carregam. Esse momento abriu o caminho para uma reflexão mais profunda, estabelecendo uma conexão entre identidade e memória.

A seguir, com o grupo de artes visuais, foi realizada a “Linha do Tempo Coletiva”, uma dinâmica que utiliza três palavras geradoras – “Eu”, “Nós” e “Todo” – para estimular a lembrança de memórias significativas. Os participantes receberam post-its coloridos e foram incentivados a registrar eventos marcantes em três esferas: momentos pessoais que transformaram suas vidas, acontecimentos que impactaram suas comunidades e fatos históricos e relevantes a nível nacional ou global.

Organizando suas memórias, os jovens perceberam como suas histórias individuais se entrelaçam com as experiências coletivas e as narrativas mais amplas da sociedade. Esse mosaico de post-its foi

disposto em ordem cronológica, formando uma linha do tempo no chão que representava, simultaneamente, o “Eu”, o “Nós” e o “Todo”. Conforme narravam suas lembranças, os jovens identificaram os pontos de intersecção e as ressonâncias entre suas experiências pessoais e as coletivas, criando uma compreensão mais ampla e integrada do impacto que o contexto social tem sobre cada indivíduo.

Para finalizar a atividade, o conceito de “ficção social” foi introduzido, inspirado no trabalho do Nobel da Paz Muhammad Yunus, que nos lembra de como a humanidade, historicamente, construiu visões de futuros possíveis através da ficção científica. Ao imaginar tecnologias e sociedades diferentes, criamos um desejo coletivo que impulsiona inovações. Os jovens foram então convidados a imaginar o futuro da sociedade, criando “ficções sociais” que desenhasssem cenários desejáveis para o futuro.

Essa atividade permitiu que refletissem sobre suas esperanças, expressando visões tanto otimistas quanto pessimistas, e fomentando um diálogo sobre o que cada um gostaria de ver realizado em suas comunidades e na humanidade.

Essas discussões e atividades no Centro Cultural Lindéia Regina destacam como espaços culturais podem ser agentes de mudança, conectando passado, presente e futuro, e reunindo as histórias individuais para compor um mosaico coletivo de memórias. Com essas memórias, é possível sonhar com novas realidades e despertar a consciência de que a construção de um futuro melhor começa com a valorização da diversidade cultural que permeia nossa história compartilhada.

Corpo como memória viva: a dinâmica “Corpo-Visão” no Centro Cultural Lindéia Regina

Dando continuidade às ações de Anônimos Notáveis, realizamos a dinâmica “Corpo-visão” com o grupo de artes visuais do Centro Cultural Lindéia Regina. Esta atividade foi pensada para que os participantes pudessem usar o corpo como uma forma de memória e expressão, revelando como experiências pessoais são inscritas em cada um de nós.

Em um ambiente acolhedor e colaborativo, os jovens foram incentivados a desenhar seus corpos em tamanho real sobre grandes

folhas de papel pardo, expressando-se livremente e retratando suas histórias individuais.

O exercício começou com a escolha de como se desenhariam: estilo, roupas e poses. Cada detalhe escolhido trazia consigo uma camada de significado. Para muitos, foi uma oportunidade de mostrar como se veem e se sentem confortáveis, enquanto outros preferiram destacar roupas que carregavam lembranças ou estilos que representavam fases importantes de suas vidas.

Uma parte importante da dinâmica foi a identificação de memórias no corpo desenhado. Cicatrizes, marcas, ou até mesmo tatuagens que simbolizavam momentos específicos ou experiências significativas foram registradas nos desenhos. Esses detalhes trouxeram à tona uma narrativa íntima sobre suas trajetórias, marcando o corpo como um diário visual, onde cada marca guarda uma história.

A dinâmica “Corpo-Visão” nos mostrou, mais uma vez, o quanto os jovens têm uma habilidade impressionante de expressar suas emoções e experiências através da arte. Suas representações não apenas capturaram momentos significativos de suas vidas, mas também demonstraram a diversidade de formas pelas quais a memória pode ser preservada e compartilhada. Essas experiências, entrelaçadas, compõem um mosaico vivo de histórias que reforça a importância do projeto Anônimos Notáveis na valorização das memórias invisíveis e na criação de espaços para que cada jovem se reconheça e seja reconhecido como agente de sua própria história.

Anônimos Notáveis: redescobrimo o Barreiro e os protagonistas do cotidiano

Na etapa final do projeto Anônimos Notáveis, concluímos as atividades nas **escolas municipais Poeint e Professor Mello Cançado**, onde atuamos junto aos alunos do EJA (Educação de Jovens e Adultos). Essa modalidade de ensino foi criada para atender jovens, adultos e idosos que não tiveram a oportunidade de estudar na idade apropriada, e normalmente acontece no período noturno. Com apenas dois encontros disponíveis em cada escola, optamos por dinâmicas ágeis, mas impactantes.

No primeiro encontro, realizamos a dinâmica do nome, em que os participantes compartilhavam a história por trás de seus nomes: quem escolheu, por que motivo, e o que esses nomes representavam para eles. Em seguida, assistimos ao documentário *Europa, Me Avise Quando Chegar*, de Victor Vieira, que traz memórias do narrador sobre o bairro Jardim Europa, em Belo Horizonte. Esse filme se conectou ao objetivo do projeto, inspirando os participantes a refletirem sobre as memórias e transformações de seu próprio bairro.

No segundo encontro, trouxemos uma atividade prática de colagem, na qual incentivamos os estudantes a representarem uma pessoa importante em suas vidas ou no bairro. Para muitos, essa pessoa era um verdadeiro “anônimo notável”, uma figura que, sem destaque, marcou a comunidade. Os relatos foram emocionantes, como a história de uma professora homenageada por uma colega, que ressaltou o carinho que todos sentiam por ela, e o depoimento sobre um padeiro que ainda hoje percorre as ruas entregando pães, preservando um ofício tradicional nos bairros de Belo Horizonte.

Essa experiência inspirou em nós uma vontade profunda de continuar esse processo. Percebemos que, para aprofundar o mapeamento e a descoberta das histórias locais, seria necessário mais tempo para realizar um trabalho que realmente despertasse o olhar dos participantes e fortalecesse a consciência de que eles são protagonistas de suas próprias histórias. Conhecer novas narrativas permite que repensemos e reorganizemos nossas crenças e valores, muitas vezes renovando percepções que estão desgastadas pelo tempo e pela rotina.

Essas experiências nas escolas, assim como nas oficinas com as bordadeiras e o grupo de teatro, plantaram sementes de uma nova forma de ver o mundo ao redor. Em nossas aulas, inspiramo-nos nas ideias de José Márcio de Barros, idealizador do Observatório da Diversidade Cultural, sobre a diferença entre ver e olhar. Enquanto o “ver” é uma atitude involuntária, simplesmente abrir os olhos e enxergar o que está à frente, o “olhar” é intencional, uma atitude de reflexão, onde direcionamos nossa atenção para aquilo que realmente queremos ver.

Levamos esse conceito para os participantes, incentivando-os a aplicar esse olhar intencional ao bairro e ao espaço que habitam. Quantas

vezes, ao passar pelo mesmo local todos os dias, deixamos de reparar nas árvores, nas casas ou nas pessoas ao redor? É quando alguém de fora comenta sobre a beleza de um detalhe que muitas vezes redescobrimos o encanto de algo que parecia invisível. A ideia é que cada pessoa, ao viver em um bairro, possa ser mais que uma residente – possa tornar-se uma agente atuante, uma protagonista.

Assim, o projeto Anônimos Notáveis deixa um legado de sensibilização e de transformação. Esperamos que os alunos, as bordadeiras, os jovens do teatro e todos os que participaram continuem a olhar o Barreiro com um novo olhar, reconhecendo que cada um de nós faz parte da memória viva da comunidade. Que cada história, cada rosto e cada gesto simples possam ser vistos e valorizados, para que o Barreiro – e todos os territórios que carregam histórias invisíveis – continue a florescer como espaço de diversidade, de cultura e que empodere as comunidades a abraçar suas histórias e tradições como recursos para moldar um amanhã mais justo, digno e sustentável.

Encontros

Centro Cultural Urucuia

21 de maio de 2024

As bordadeiras do grupo "Mãos Amigas" acolheram Andressa, Clara e Felipe para uma nova experiência: desenvolver um trabalho que inclui a memória e a percepção de sujeitos como Anônimos Notáveis.



1

2

04 de junho de 2024

No segundo encontro os diálogos voltaram a se estabelecer a partir das histórias de vida de cada participante. Fizemos um registro fotográfico das mãos de cada bordadeira tecendo seus trabalhos de bordado.



11 de junho de 2024

As bordadeiras receberam as fotos de suas mãos bordando impressas no tecido e o mapa da regional Barreiro traçado também no tecido de algodão cru. Nesse processo, conduzimos conversas sobre suas histórias e memórias do bairro: com quem interagem? Quais histórias compõem as memórias desse lugar?



3

4

18 de junho de 2024

Um dia de investigação das imagens que compõem as memórias dessas mulheres. Solicitamos que trouxessem fotos de álbuns de família e elas trouxeram imagens que continham memórias com valores pessoais. Trouxeram também a história coletiva do grupo, que já participou de diversas feiras e exposições de bordados em Belo Horizonte.

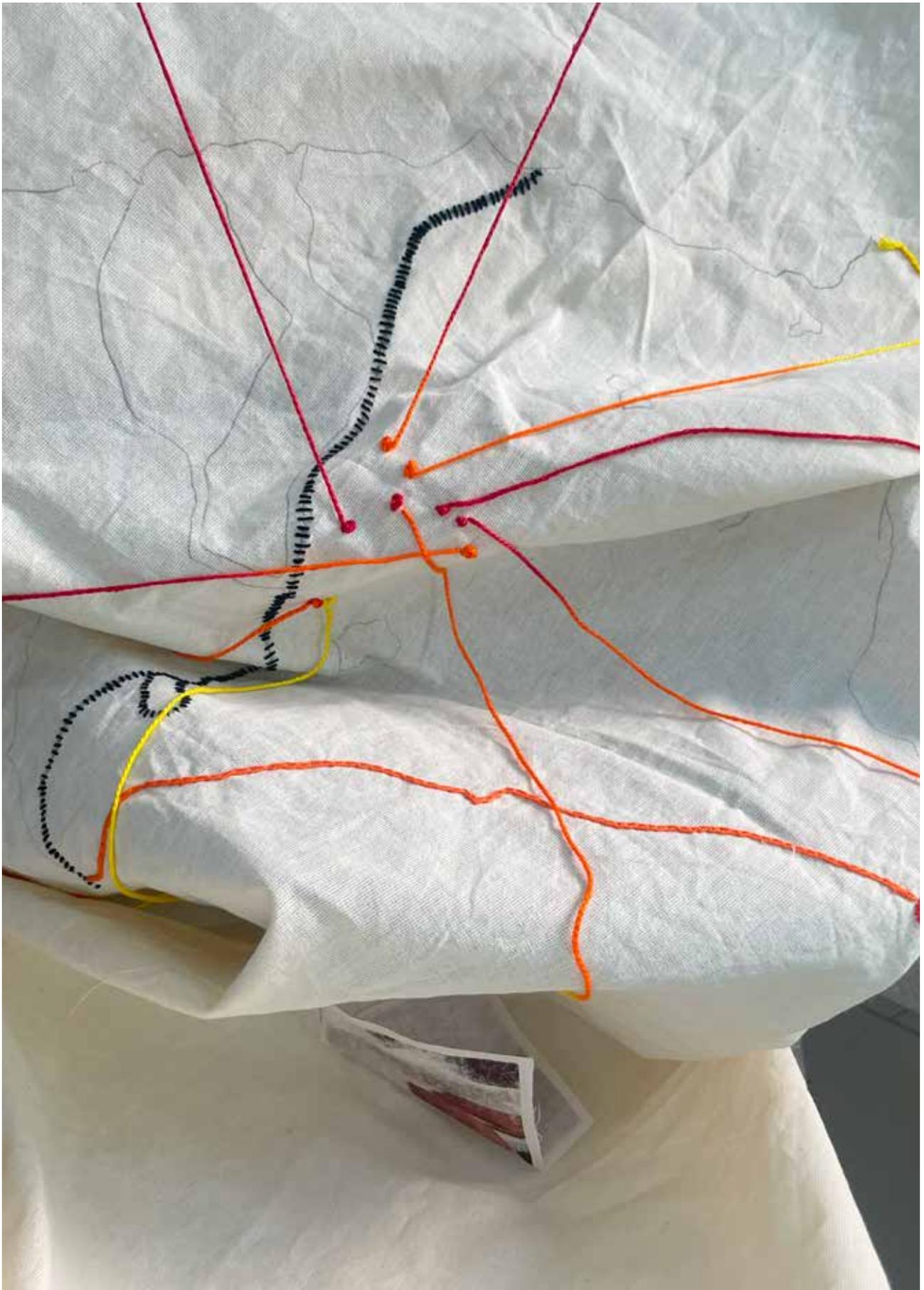


5

20 de agosto de 2024

Gostinho de quero mais... um dia de visita, tal como se visita as amigas para um café e para saber como elas estão. Esse encontro aconteceu com a proposta de reforçar um vínculo e manter o laço já constituído, acompanhar o processo de construção do bordado no mapa e também estabelecer o desejo de reencontro.





Bordado produzido durante o projeto Anônimos Notáveis
Centro Cultural Urucuia
Belo Horizonte, Agosto, 2024

Encontros

Centro Cultural Lindeia Regina

23 de maio de 2024

Conhecemos um grupo de jovens e adultos bastante diverso que são frequentadores do Centro Cultural Lindéia Regina, integrando os grupos de artes visuais, teatro e também outras pessoas da comunidade. Como método propusemos a construção de uma linha do tempo coletiva, com o objetivo de pensarmos memórias no campo individual e coletivo.



06 de junho de 2024

A dinâmica corpo visão foi desenvolvida com alguns membros do grupo eleitos para serem representados no papel craft. A partir desse desenho uma conversa geral foi criada refletindo sobre a relação entre corpo e memória.

08 de junho de 2024

Desenvolvemos a atividade 'história do seu nome' para abrir uma conversa com o grupo de jovens que vieram participar da oficina. Essa proposta se desenvolveu com cada sujeito se apresentando e contando qual a história dos seus nomes.



15 de junho de 2024

A oficina aconteceu com os mesmos jovens participantes do encontro anterior. O grupo foi encorajado a representar, através da colagem ou desenho, um Anônimo Notável que eles admiram na comunidade do Barreiro.

20 de junho de 2024

A partir do estímulo do encontro anterior, nessa oficina foi dada continuidade a criação de representação de Anônimos Notáveis através de colagens com os novos participantes que se agregaram ao grupo. Nessa mesma oportunidade, coletamos depoimentos de pessoas envolvidas na comunidade do Lindeia Regina.



Atelie de doces

MONICA CHAGAS



Variety of cakes

Encontros

E.M. Professor Mello Cançado

1



16 de setembro de 2024

O trabalho realizado na escola teve início no auditório onde foram reunidos todos os alunos e alunas da Educação Jovens e Adultos – EJA. Nesse contexto, o grupo foi convidado a se apresentar e contar um pouco sobre a história de seus nomes. A ideia dessa primeira dinâmica era quebrar o gelo e introduzir um possível diálogo descontraído entre o grupo, provocando uma reflexão sobre suas próprias identidades vinculadas aos seus nomes.

Na sequência, apresentamos um curta metragem como inspiração para construirmos um pensamento sobre o que é memória local, e como podemos representar essas memórias. Nesse contexto, introduzimos a proposta de quais seriam os lugares, pessoas e coisas que o grupo gostaria de nos apresentar? Obtivemos alguns relatos sobre possíveis Anônimos Notáveis e lugares interessantes da região.

2



30 de setembro de 2024

No segundo encontro, o mesmo grupo de estudantes da EJA foi dividido em dois e distribuídos em salas de aulas. Na ocasião, o foco foi construir uma imagem, através da colagem ou desenho, para representar um Anônimo Notável escolhido por cada indivíduo. Diversos alunos escolheram também utilizar o recurso da escrita para contar essas histórias e alguns, utilizaram apenas a representação imagética.

Belo Horizonte 30.08.2024

Há muitos anos atrás eu era uma criança que, gostava muito de passar na casa, da minha Tia que, morava no Linsdeia, por is tanto lá conheci, uma Sr. que era Comadre da minha Tia esse Sr Nunca, se casou Não teve Filhos, era bem conhecida, No Bairro participava de tudo Nas igrejias, Nas reuniões de Bairros sua presença era muito participativa. Os Anos Passaram, essa Sr Viveu Pra Comunidade.

Esse Ano de 2024 aos 96 anos ela Veio a falecer, Deixou um grande legado Para o Bairro Linsdeia. O lote que era dela em Vida ela Doou. Para Comunidade, logo Lá Foi Feito a creche Alago Criação de Jesus. Seu Nome: Maria Labore.



Aluna Neide Aparecida Carvalho

Encontros

Escola Municipal Poieint

23 de setembro de 2024

Em uma biblioteca aconchegante, o grupo de estudantes da EJA foi reunido para pensar suas próprias memórias e conectá-las à história da regional Barreiro. Através de uma dinâmica sobre a simbologia dos seus nomes e como/quando eles chegaram até o bairro, os estudantes produziram relatos de vida carregados de lembranças. Nesse contexto, introduzimos a ideia de quais seriam os lugares, pessoas e coisas que o grupo considerava Anônimos Notáveis e que poderiam nos apresentar no próximo encontro.



2

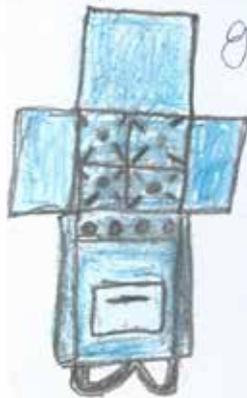


24 de setembro de 2024

Na sequência de trabalho, conectando a atividade do dia anterior, oferecemos aos estudantes da EJA a possibilidade de representarem, através da colagem ou desenho, imagens que demonstram os Anônimos Notáveis escolhidos por cada indivíduo. A dinâmica gerou uma conversa coletiva sobre quem são as pessoas anônimas que eles admiram na comunidade e como aquela região se transformou através do tempo.



Essa história é de Maria do Carmo Soares, uma mulher guerreira, que luta para não morrer as relíquias dos anos 80, nessa foto ela está passando Cinsa na panela para não grudar na panela a fumaça, o fogão de Maria do Carmo conhecida como Mara é de cimento e ela faz questão de passar era com vermelhão para não apagar o nosso passado, la ela faz bolos deliciosos para um restaurante são mais de 30 bolos por dia. Maria do Carmo montou uma cozinha igual dos anos 80 com seu fogão a lenha e o fogão azul de asas. Maria do Carmo levanta cedo para fazer as quitandas para entregas. Eu gostaria muito que a história de Maria do Carmo fosse reconhecida.



Ass. Maria de Lourdes Soares
30/09/2024

A excepcionalidade do corriqueiro

A experiência da oficina **Anônimos Notáveis** nos defrontou com questões pungentes que referem-se, mais que aos processos educacionais, à própria noção de identidade de uma comunidade e à subjetividade de seus participantes. Neste texto, tento uma delimitação de algumas dessas questões e ouso alguma possibilidade de interpretação que aponte caminhos para respostas. Minha escolha é produzir essas pontuações a partir da cronologia do relato de minha experiência enquanto oficinairo do projeto.

Inicialmente, nossa intenção era recorrer a instituições culturais públicas da regional Barreiro, em Belo Horizonte, com a expectativa que centralizassem agentes da cultura dos bairros que compõem a região. Com isso, esperávamos reunir um material que delineasse a história local não-oficial, ou seja, a que não entra para os livros didáticos nem é ensinada nas salas de aulas, mas é apenas guardada e transmitida de geração para geração, sobretudo pela via oral, sem ser, por isso, menos importante. Estávamos orientados, portanto, por um prisma cartográfico, uma vez que intentávamos mapear esses agentes de guarda, que denominamos Anônimos Notáveis.

Quando me refiro a “agentes da cultura”, devo ter o cuidado de elucidar que não designo apenas trabalhadores das artes ou da gestão cultural. Encaramos esse conceito de maneira ampliada, de forma a abarcar qualquer cidadão cuja atuação tenha impactado na construção do senso de comunidade dos bairros que compõem o Barreiro. Me refiro, assim, a guardiões da memória coletiva, jovens e velhos artistas, artesãos, trabalhadores da manufatura, trabalhadores independentes e informais, pequenos empresários, cozinheiros, alfaiates, parteiras, costureiras, bordadeiras e quaisquer outras ocupações, sejam ofícios ou não, que costurem suas ações à história da região.

Cabe elucidar, também, que nossa intromissão no bairro, enquanto estrangeiros e intrusos, não podia ter o caráter de extração do que nos era valioso, sem deixar, com os participantes, algo que pudesse ser pra eles, da mesma forma, importante. Assim, nossa decisão foi por desenhar uma atividade que suscitasse um movimento de sensibilização daqueles agentes quanto ao valor dos saberes já incutidos neles. Saberes que, mais

que votados à racionalidade, são carregados em seus corpos, a partir de suas vivências e experiências. São saberes, muitas vezes, rebaixados pelo imperativo de produtividade capitalista, que aos poucos os deixa de lado e os substitui apenas pelo que pode ser útil, tornando-os empoeirados e cada vez menos acessados.

Através dessa sensibilização, propusemos trazer esses saberes à tona, com o intuito que esses agentes pudessem reconhecer-se entre eles, prescindindo de uma validação nossa. Não caberia a nós designar quem são essas figuras notáveis e anônimas, mas, sim, aos próprios participantes da comunidade, perceber, pesquisar, lembrar, eleger e descrever esses sujeitos que contribuíram para fazer daqueles bairros o que eles são hoje.

O primeiro desafio logo surgiu. José Márcio Barros, idealizador do projeto, desde o início enfatizou, acertadamente, que o formato das oficinas não poderia se parecer com uma aula convencional. Não estávamos ali para comunicar conceitos, nem partir do perigoso pressuposto, por vezes colonialista, de que tínhamos algo a lhes ensinar. Precisávamos, ao contrário, possibilitar um ambiente confortável, estimulante e eficiente que acolhesse suas falas. Nosso processo, diante disso, foi o de criar em conjunto um método que cumprisse com essas condições, que se deu, em larga medida, no confronto entre os erros e acertos que se sucederam durante o próprio percurso, num reajuste constante, embasado pelo diálogo recorrente.

Os trêsicineiros, Andressa Clara e eu, mobilizamos nossas referências de modo a encontrar, a partir das contribuições singulares de cada um, o formato que nos fosse comum, que contemplasse nossas experiências pregressas e inaugurasse possibilidades para experiências futuras. Inventariamos dinâmicas que, de acordo com nossa expectativa, direcionariam os participantes para o lugar de sensibilidade que era nosso objetivo.

Assim, trabalhamos inicialmente com quatro grupos: as bordadeiras do Centro Cultural Urucuia os alunos de teatro e artes visuais do Centro Cultural Lindeia Regina e os alunos de EJA das escolas municipais POEINT e Mello Cançado. O primeiro, composto por mulheres da terceira idade; o segundo, integrado em geral por adolescentes entre 12 e 17 anos; o terceiro e o quarto caracterizados por adultos que cursavam o ensino básico.

Lidar presencialmente com público, em período pós-pandêmico e na era da onipresença das mídias sociais, é uma tarefa cada vez mais

desafiadora. Sustentar o interesse, a atenção e a frequência são questões comuns aos projetos que dependem da presença para acontecer. No caso do grupo de bordados, nosso vínculo se deu através do afeto. Conseguimos, quase que de imediato, estabelecer uma relação que rompeu a tesa superficial da distância e enlaçou-nos a todos. Nunca pedimos que elas suspendessem suas atividades para realizarem as nossas. Ao contrário, aderimos, nós, ao fazer do bordado, enquanto o fio da costura tecia a prosa, que foi, ela mesma, substrato e matéria prima para nossa pesquisa.

Já com o grupo dos adolescentes, cuja manutenção da atenção requer sempre variados recursos, encontramos um bom refúgio numa encomenda: a produção individual de uma representação sobre uma figura considerada relevante por cada um deles, que seria elegida de acordo com parâmetros estabelecidos por cada um. No que concerne à técnica, foram utilizadas misturas de colagem com desenho e escrita, sem compromisso necessário com a verossimilhança, permitindo à imaginação atribuir notas de ficção à própria história e à história da figura representada, com o intuito de permitir, à criatividade, mitigar a timidez de revelar e compartilhar recônditos por vezes sensíveis do próprio relato.

Nas Escolas de Jovens Adultos, a encomenda se repetiu, porém dessa vez nos surpreendeu a quantidade de representações que, em vez de se valerem unicamente de recursos imagéticos, recorreram, também, a relatos escritos completos, o que nos impele a demarcar a importância de se considerar, de maneira flexível, o que é aceito e considerado como documento.

Ao todo, conseguimos um levantamento de informações, dados, nomes e, sobretudo, histórias e memórias, amparados, em alguns casos, por fotografias, relatos escritos e gravações em áudio. Um inventário material e imaterial de afetos que nos demonstra como as relações pessoais e as singularidades se enlaçam às questões políticas, históricas e coletivas. Dessa forma, entendemos que trabalharíamos com uma noção ampliada do conceito proposto de Anônimos Notáveis. Mais que pedir aos participantes que nos apontassem figuras com as quais nós mesmos não poderíamos nos relacionar com profundidade, percebemos que os agentes que procurávamos eram, também, todos aqueles narradores com quem vínhamos lidando diretamente, sobre quem poderíamos falar com mais propriedade nesses textos.

Se o ambiente digital e o tempo das mídias sociais convidam cada um a se relatar enquanto centro do seu próprio universo, a vivência da oficina Anônimos Notáveis aponta outra direção: a de compor, a partir do ordinário particular de cada vida cotidiana, um coletivo. Talvez, frente à coerção contemporânea por alcançar individualmente o extraordinário, seja a repetição banal do dia-a-dia o verdadeiro rebelde. Nesse sentido, o próprio ato de relatar a si e aos seus, num esforço por esquadrihar a memória e as histórias, mantendo-as vivas e em movimento, é o que faz, de todos os participantes que contribuíram com essa atividade, **Anônimos Notáveis**.



Atividade de colagem desenvolvida durante o projeto Anônimos Notáveis
Centro Cultural Lindeia Regina
Belo Horizonte, Junho, 2024

No universo dos anônimos notáveis cada pessoa é um mundo



Grupo executando a atividade no Lindeia Regina

“João amava Teresa que amava Raimundo que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili que não amava ninguém. (...)”

Poema Quadrilha de Carlos Drummond de Andrade

Percebemos uma **rede de Anônimos Notáveis se constituiu a partir dos encontros.**

Rafael e Luíza sugeriram **Lucilesio** como uma pessoa notável na comunidade do Lindeia Regina.

“Esse centro cultural me ajudou muito a me organizar tanto quanto artista e quanto pessoa. Muitas coisas que a minha vida estava meio atribulada, devido a um quadro muito grande de depressão em 2018, então eu tava tentando ocupar a mente e me recuperar”.

(Lucilesio sobre sua própria relação com o Centro Cultural Lindeia Regina)



Colagem inspirada na pessoa do Lucilesio criada por Rafael e Luiza

“Creio que o Centro Cultural já tá fazendo 20 anos. Esse espaço foi um desejo da comunidade, foi tão grande o desejo de se criar esse espaço cultural que passou pelo orçamento participativo, e a comunidade votou e hoje vem utilizando esse espaço, né? Eles se apropriam de todos os projetos de todos os eventos que acontecem aqui.”

(Lucilesio sobre a criação do Centro Cultural Lindeia Regina)

Lucilesio por sua vez recomendou, **Maria da Glória**, carinhosamente chamada de Glorinha:

“A Glorinha, por exemplo, ela é diretora da comissão local, ela participa de várias atividades aqui. (...) Ela tem baixa audição, mas ela gosta de contar história. Por exemplo, gosta de fazer encenação, ela se veste de palhaço, (...) é uma pessoa que busca muito tá interagindo com a comunidade. Ela faz também artesanato, faz presépios de sabonetes”

(Lucilesio indicou a Glorinha como Anônima Notável na comunidade do Lindeia Regina)

“Eu me chamo Maria da Glória Rabelo Aguiar. (...) Sou filha de Vitor José Rabelo e Maria da Conceição Rabelo. Meu pai era filho de pessoas que vieram fugitivas da Romênia. Então, os meus avós vieram para a Roça, eram perseguidos por religião e por questão de guerras. E, do lado da minha mãe, ela era filha de um português, e minha bisavó filha de um português com uma índia. Então, eu sou bisneta de índio, certo? A tribo da minha avó era Marajoara. ”

[...]

Andressa: *E esse nome da senhora, Maria da Glória, quem que deu esse nome pra senhora?*

“Quem me deu esse nome foi meu pai, por causa que na época inaugurou aqui em Belo Horizonte a igreja Nossa Senhora da Boa Viagem, e quem era padroeira era Nossa Senhora da Glória, ou Nossa Senhora da Boa Morte... E teve a festa de Nossa Senhora da Glória aqui no dia 15 de agosto. E eu nasci dia 1º de setembro, então estava no auge da festa. Aí meu pai, em homenagem à Nossa Senhora, me pôs o nome de Maria da Glória. Agora, o meu sobrenome, Rabelo, foi um combinado que eles fizeram quando eles se casaram de colocar o nome Rabelo. Porque não tinha assinatura. A minha avó não quis pôr assinatura dos indígenas, porque não podia. Nessa época não podia pôr, porque era a época do militarismo. Então, não podia pôr qualquer nome nas pessoas. Então foi por isso que eu tenho esse nome de Rabelo. Foi um combinado que meus pais fizeram e colocaram o sobrenome de Rabelo”.

[...]

“Eu mudei para o Barreiro em meados de julho de 1981. Foi a época em que o Brasil estava virando de cabeça para baixo. Então eu mudei para cá, fugida. Fugida da minha terra. Meus pais também vieram para cá fugidos da ditadura militar, que eles fizeram aquele processo de repartir terra.

Eu e meu marido somos de origem de agricultores. Nós trabalhávamos na terra. Então, a gente comia o que plantava e sobrevivia daquilo. Ele era lavrador e eu também. Quando nós chegamos aqui, nós tivemos que aprender tudo do nada. Nós tivemos que aprender como viver na cidade grande, como viver em uma favela, porque aqui estavam formando as primeiras favelas. Então, eu fui residente de favela.”

[...]

“Ele trabalhou de pedreiro, de mecânico, de marceneiro, de serralheiro, qualquer serviço que precisasse, a gente aprendeu a fazer. E aí passou-se os anos, ele aposentou como pedreiro e foi fazer o que ele mais sonhava na vida, construir instrumentos de corda, virou construtor de instrumentos musicais. E é um grande luthier hoje, e ele trabalha com isso. Luthier, ele reforma e constrói qualquer instrumento de corda, que é viola, violão, cavaquinho, guitarra. Mais tarde, então, ele aprendeu a trabalhar com sanfonas e gaitas. Então, tudo que é instrumento de sopro, ele sabe fazer e construir. E trabalha com isso, virou um grande instrumentista.”

[...]

“E eu fui ser costureira, faz tudo, lavadeira, costureira, dona de casa, completa. Eu já tinha família, eu já tinha dois filhos, já quando nós mudamos para cá. E a gente morou em barracão de aluguel.”

[...]

“Eu virei contadora de história, estudei aqui no Centro Cultural, que eu ajudei a construir. Tive o primeiro contato com os livros por aqui, o primeiro contato com teatros foi aqui. com contação de história, foi aqui. Então, eu aprendi e, graças a Deus, tive essa oportunidade e agradeço. Foi um grande privilégio para mim e para minha família ter construído isso aqui e participar disso.”

[...]

“Eu aprendi a costurar na roça, por causa que lá a gente nunca teve nada para comprar. Então, eu aprendi remendar as calças do meu pai, na roça, primeiro que a desenhar. Eu era menina de 9 anos. Eu já comecei a remendar as calças do meu pai, porque precisava. Com 11 anos, eu aprendi a costurar, a fazer as primeiras calças, porque não existia nada disso, não existia indústria nenhuma. E, lá em casa, a gente aprendeu a reciclar linha, que a gente comprava os retalhos lá da fábrica de Santa Mência, ou Itaúna. Então, a gente aprendeu a fazer comércio com isso, trocar arroz, feijão, produtos da terra, frango, galinha, a troco dos produtos de tecelagem. E a gente era muito menina lá em casa, nós éramos 14 filhos. (...) Quando eu vim para a cidade, eu já trouxe essa carga, que eu sabia costurar, tocar

máquina. Aí eu comprei a minha primeira máquina elétrica, porque a gente não tinha eletricidade na roça. Eu achei uma festa e virei uma costureira daquelas. Eu costurava qualquer tipo de roupa, quando eu mudei para cá. E fui uma grande costureira, fiz nome e tratei praticamente a minha família costurando. E lavando roupa, porque eu também fui lavadeira. Aprendi a fazer sabão quando eu morava na Roça. Então, eu trouxe essas técnicas para cá.”

[...]

Andressa: *Então, eu queria que você me explicasse essas técnicas de quando a senhora foi lavadeira, como que fazia o sabão, aonde que lavava a roupa, como que era engomar. Conta para mim esse processo de...*

“Ó. Lavar roupa era um verdadeiro processo, era uma maratona. Primeiro, não tinha sabão em pó. Quando a gente teve sabão em pó, o sabão em pó era caríssimo, né? Era um luxo. Então, a gente usava sabão de barra, que era aquele sabão comprido, amarelo e pintado, que também custava muito caro. Quando eu mudei para a cidade, eu já tive acesso a esse sabão de barra, mas até então eu ainda sabia fazer sabão preto, que era aquele sabão que a gente fazia na roça. A gente juntava todo o resto de gordura ou pegava algumas frutas gordurosas, no caso o abacate e o coco bociuva, ou até não sei mais o nome dele, era um coquinho redondo assim, que tinha uma carne amarela, muito guduosa, a gente punha aquilo fermentar, quer dizer, apodrecer. Punha o sabão e o abacate apodrecer. A gente falava ‘*curtir*’. (...) E o sabão ficava aquele negócio. Aí a gente fazia as bolotas, né? Quando eles davam no ponto, isso cozinhava uma semana.”

[...]

“Fazer presépio é da minha cultura, que eu morava numa região muito cultural, certo? Então fazia-se as festas, tinha muita festa cultural, porque lá era um aglomerado de pessoas, lá no Marimbondo, de várias etnias. Para começar, tinha os escravos, que lá era uma região escravagista. Então, tinha muitos escravos, mas é muito mesmo, tinha até o quilombo. Quando eu nasci, já estava extinto o quilombo, mas tinha ainda os escravos. que continuaram escravos por muitos anos. A liberdade não é assim do jeito que conta nas histórias, nos livros de escola, não. Lá era assim. Quando

houve a libertação dos escravos, os escravos eram todos aglomerados lá. E era um tipo de escravidão diferente de hoje, que a gente vê contando na história. Não eram aqueles que apanhavam e que eram castigados. Eles eram amigos do patrão. Eles eram amigos do senhor. O senhor era senhorzinho. E ele era o dono dos escravos. Então, ele continuou sendo dono. Como é que ele mandava eles embora? Eles não tinham pra onde ir. Eles continuaram lá, obedientes ao senhor, prestando o serviço e recebendo as recompensas que o senhor cuidava deles. Dava pelo menos comida. Dava comida, dava a casa, o terreno para eles morarem, o terreno para eles plantarem. Havia troca. Eles plantavam para o senhor e depois que eles colhiam, eles pagavam. Uma parte do que eles recebiam, eles pagavam para o senhor.”

[...]

“Para começar a fazer os presépios eu usava a cera, morava na roça. Como é que fazia, então? A gente não tinha acesso a massas, essas coisas. Então, fazia de cera. A gente pegava a cera das abelhas lá, fervia a cera e punha ela para quará nos mamão, a gente cascava o mamão e punha a cera quente em cima ali, ela derretia e a gente ia, punha aquilo no sereno e ela ia clareando com o leite de mamão. Aí ficava uma cera branquinha ou clarinha, amarelinha. E com isso eu moldava o Menino Jesus. E o pessoal tinha aquela história, carregava o Menino Jesus, dançava e levava, e fazia bandeira e levava a bandeira dançando Rezado, Reinado. Eu ia estimular, punha o Menino Jesus, fazia novena. E, com isso, nasceu o gosto de fazer cada vez mais perfeito. Quando vim para a cidade, aprendi o papel machê. Quando vi o papel machê, eu falei... porque aqui não tinha cera. Aí eu fiz papel de papel machê, mas as imagens ficaram feias e dava cupim. E um dia eu aprendi na televisão o tal do biscuit que fazia com o sabonete. Aí foi o meu negócio. E eu comecei a fazer e faço até hoje. É o maior luxo pra mim fazer os presépios. Faço o presépio com gosto. É parte da minha cultura, da minha fé. Então eu faço o presépio e dou o presépio. Todas as vezes eu faço um presépio e dou. Todo ano eu dou. Teve época que eu doei muitos, que eu fazia muitos. Agora eu já não tenho tanta habilidade mais pra fazer, porque eu fiquei com defeito nas mãos, defeito nos braços. Mas eu faço ainda.”

Lucilesio também indicou o **Matheus**:

“O Mateus, gerente do centro cultural, é uma pessoa que ama isso aqui. Isso aqui é uma casa pra ele. Ele tem vários projetos, além de trabalhar na administração da gerência. Atua como voluntário nesses projetos”.

(Lucilesio indicou o Matheus como Anônimo Notável na comunidade do Lindeia Regina)

E também a Val, foi sugerida por Lucilesio tal como por **Angélica** como referência de bibliotecária, enfatizando a importância das bibliotecas na vida da comunidade:

“A Val é outro personagem que eu tava comentando. Ela é bibliotecária do Centro de Cultura, ela não é só uma bibliotecária, as pessoas se sentem acolhidas por ela, ela atende as pessoas, empresta os livros, mas conversa com as pessoas nos momentos em que as pessoas precisam de conversar com alguém, a Val vai e acolhe essas pessoas entendeu? Ela é tipo uma pessoa assim, de luz.”

(Lucilésio indicou a Val como Anônima Notável na comunidade do Lindeia Regina)



Colagem inspirada na pessoa da Val e das bibliotecas comunitárias criada por Angélica

Agradecimentos a todos e todas **Notáveis** que participaram conosco

Centro Cultural Urucuia

Cleuza Nestor
Dinalva Mateus da Silva
Efigênia Masilios dos Santos
Gislene Aparecida Costa da Rocha
Joana Dark Brasil Vaz da Silva
Josenir da Consolação Baciliere
Karina Ferreira dos Santos
Maria da Consolação
Maria da Penha
Maria de Fátima Leite
Maria Diva Batista Costa
Maria Silva Barbosa
Raphaela Felix Moreira Ladeia
Rita Alves Francisco
Rosarita
Valdirene Pereira Soares dos Santos

Centro Cultural Lindeia Regina

Andrelina N. Camelo
Arthur de A. Xavier
Eduarda Thalita
Gabriel Ribeiro Abrasi
Gabrielly Rocha
Izabeli Késia Silva
Karen Luiza Rodrigues Viana
Lucilesio A da Costa
Luiza Cipriano
Maria Luísa Rocha
Matheus da Silva
Mirleyde R. Souza
Nilza C.
Rafael Lara

Rafael Oliveira

Sophia Giulia Dias Cordeiro
Vitoria Santos

Escola Municipal Prof. Mello Cançado

e

Escola Municipal Polo de Educação Integrada (Pooint)

Adilson da Silva
Adriano
Agostinho Alex de Araujo
Alberto S.
Aline de Oliveira Gomes
Ana Emerenciana da Cruz
Ana Ferreira
Ana Gabriela de Oliveira
Antonio F. Santos
Antonio Rodrigues
Aristides Augusto
Arlete Bernardina Soares
Barbara Guimaraes do Couto
Bruna Luiza Morais
Carlos Daniel
Carolina Beatriz Teixeira
Cida Pinheiro
Cleuza Maria Alves
Danilo Fernandes
Dilza Tavares
Edécio Ferreira
Eduarda Melo
Elenilda Graça Almeida
Elenilda Graça de Almeida
Franciene do Nascimento

Gabriel Henrique Araujo
Géssica Evelyn
Guaciara
Irlande de Lima
Jesuíta Machado
Jorge Ferreira
Jorgina P.
José Alves da Silva
José de Sousa
José Eustáquio da Cruz
Luiz Vieira
Luzia De Souza
Marcia Paula Colete
Marcos Paulo Silveira
Maria Alves
Maria Aparecida P.
Maria das Gracas
Maria de Lourdes Soares
Maria do Carmo Silva Santos
Maria do Carmo Teixeira
Maria Geralda Rocha
Maria José Sabino
Maria Madalena Lopes
Marione
Meirielly Ferreira dos Santos
Nair Lemos Paixão
Neide Aparecida Carvalho
Nllson Jose
Poliana Karina de Barros
Renata Chaves
Rita de Cassia Rodrigues
Ronan Gustavo de Souza
Ryan Víctor R. de O.
Sidney Silva Teodoro
Solange da Silva Santos

Thiago Leandro
Wanderlei do Nascimento
Webert Leonardo de Jesus

Gestores Culturais

Adelson França Junior
César Júnior Soares Rocha
Leone Reis
Nathalie Caevalhi

Produtoras

Maria Rita Fonseca
Patrícia Lopes Rodrigues